



## O ciclo barrosiano *Parada de Deus*: entre as veredas da ficção e da biografia\*

Martha Caroline Duarte de Brito\*\*

### RESUMO

A biografia é um gênero textual que se insere na temática "escritas de si" ou "escritas do eu". Este trabalho desvenda e procura aproximar, à luz da teoria de Phillippe Lejeune (2008), os traços biográficos e ficcionais presentes em duas obras que compõem "O Ciclo Parada de Deus", da escritora miracemense Maria Alice Barroso: *Um nome para matar* (2001) e *A saga do cavalo indomado* (2001). O estudo envereda por conceituações de biografia, autobiografia, romance autobiográfico e autoficção, não só a partir de Lejeune, mas também através de análises de Bakhtin (2000), Benjamin (1987), Doubrovsky (in FIGUEIREDO, 2010) e Sibilina (2008). Sugere-se que as obras barrosianas analisadas apresentam semelhanças no que diz respeito entre o chão ficcional Parada de Deus e a cidade de Miracema/RJ, terra natal da escritora, aproximando-se do que Lejeune define como romance biográfico.

**Palavras-chave:** Romance (auto)biográfico. *Um nome para matar*. *A saga do cavalo indomado*.

### ABSTRACT

The biography is a genre that fits the theme "written itself" or "the self written". This paper reveals and seeks to approximate, in the light of the theory of Phillippe Lejeune, biographical and fictional features present in two works comprise q "The Cycle Stop God ", the miracemense writer Mary Alice Barroso: *A name to kill* (2001) and *The saga Horse untamed* (2001). The study is appealing to concepts of biography, autobiography and autobiographical novel autofiction, not only from Lejeune, but also through analysis of Bakhtin (2000), Benjamin (1987), Doubrovsky (in FIGUEIREDO, 2010) and Sibilina (2008). It is suggested that barrosianas analyzed works have similarities with regard between the fictional Parade ground of God and the city of Miracema / RJ, the birthplace of the writer, approaching that of Lejeune defines as biographical novel.

**Keywords:** Romance (auto) biographical. *A name to kill*. *The saga of untamed horse*.

\* Este artigo foi apresentado no VI ENLETRARTE (Encontro Nacional de Professores de Letras e Artes), no IFF *campus* CAMPOS CENTRO, em junho de 2015. Foi desenvolvido durante a disciplina "Escritas do eu ficções de autoria" (PPGCL-UENF), ministrada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Analice Martins.

\*\*Graduada em Letras. Mestranda em Cognição e Linguagem (PPGCL – UENF). E-mail: [marthacarolduarte@hotmail.com](mailto:marthacarolduarte@hotmail.com)

## 1- Introdução

Vivemos numa era em que não há limites entre o público e o privado. As fronteiras que demarcavam tais territórios foram, ao longo dos últimos anos, desfeitas, apagadas e desarmadas, seja pela invasão das redes sociais, as quais chegaram sem pedir licença, devido à fome de realidade que atinge os indivíduos. O que se vê constantemente são pessoas que, por exemplo, estão mais preocupadas em postar uma foto que registre um momento, do que com o própria situação; sujeitos que se enclausuram em seu mundo virtual, esquecendo-se dos que estão, ali, tocáveis, ao seu alcance.

O que dizer, então, dos que se esquecem de si próprios, ou melhor, permitem-se esquecer suas próprias identidades, ao criar uma outra para se aventurarem na rede, ou até mesmo para se sentirem à vontade para relatar suas próprias vivências e/ou inventarem uma intimidade que almejam na realidade?! Além disso, pode-se constatar também, que com o *boom* destas malhas virtuais, o que antes era secreto não tem mais valor nem espaço. Seu território foi invadido por usuários sedentos por veracidade, por realidade, pelo que é público.

As (auto)biografias também acompanham esta geração vertiginosa, visto que ocupam a categoria literária de maior rendimento econômico, nos últimos anos. A curiosidade, o desejo por relacionar um fato narrado com determinada personalidade e verificar se isto, de fato, corresponde ao real são alguns dos aspectos que impulsionam e aceleram as vendas destes tipos de obras.

Neste sentido, devido a esta “carência” em relação à realidade, esta pesquisa aventura-se nos respectivos livros da autora Maria Alice Barroso: *Um nome para matar* (1968) e *A saga do cavalo indomado* (1991), os quais integram com mais três obras (*Quem matou Pacífico?* - 1971, *O Globo da morte* - 1985 e *A morte do presidente ou amiga de mamãe* – 1995) o Ciclo Parada de Deus - nome fictício da cidade que serve como pano de fundo para as histórias relatadas.

Assim, este trabalho impulsionado pelo seguinte questionamento: “As obras barrosianas *Um nome para matar* e *A saga do cavalo indomado* constituem, a partir da cidade fictícia Parada de Deus, uma biografia de Miracema/RJ, cidade em que a autora viveu?”,

\* Este artigo foi apresentado no VI ENLETRARTE (Encontro Nacional de Professores de Letras e Artes), no IFF *campus* CAMPOS CENTRO, em junho de 2015. Foi desenvolvido durante a disciplina “Escritas do eu ficções de autoria” (PPGCL-UENF), ministrada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Analice Martins.

\*\*Graduada em Letras. Mestranda em Cognição e Linguagem (PPGCL – UENF). E-mail: [marthacarolduarte@hotmail.com](mailto:marthacarolduarte@hotmail.com)

atreve-se a pesquisar vestígios que comprovem a hipótese de que o *chão* criado por Maria Alice Barroso é sim uma biografia do município da respectiva escritora.

Partindo destas considerações, este estudo preocupa-se em analisar as obras citadas, evidenciando seus traços ficcionais e biográficos, à luz da teoria de Phillippe Lejeune, autor de *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet* (2008), obra que analisa as definições de autobiografia e reformula alguns de seus pontos referentes ao que seria realmente um texto desta natureza. Caminharemos por várias classificações, como a própria autobiografia, a autoficção e o romance autobiográfico, até encontrarmos a lacuna que preencherá esta pesquisa, a qual também se debruçará sobre algumas das contribuições de Walter Benjamin (1987), Mikhail Bakhtin (2000) e Paula Sibilia (2008), em relação ao assunto apresentado.

No desenvolvimento deste trabalho, o estudo qualitativo está presente na metodologia, a qual engloba as pesquisas bibliográficas, as análises dos termos *(auto)biografia*, *autoficção*, *romance autobiográfico* e um olhar específico nos referidos romances.

Verifica-se a relevância de tal pesquisa por tratar de um tema tão atual, no que diz respeito às *(auto)biografias*. Além disso, analisar a obra de Maria Alice Barroso, através deste ângulo, é mergulhar numa trama que aponta questionamentos e, paradoxalmente, certezas a respeito desta relação entre ficção e realidade. Há uma necessidade intensa, sobretudo pela riqueza das obras analisadas, de “farejar” vestígios de Miracema nos respectivos romances barrosianos.

## **2- O pacto autobiográfico**

Muitos autores da nova geração dedicam seus estudos à questão biográfica: alguns ligados mais diretamente às *escritas de si* no meio virtual, outros que buscam uma análise no que diz respeito à *espetacularização do eu*, como Denise Schitine (2004) e Paula Sibilia (2008), respectivamente. Entretanto, o ponto que une tais autoras e tantos outros pesquisadores dedicados a esta temática é a atração dos indivíduos pelo o que é alheio, o desejo de penetrar na vida do outro sem pudor. Phillippe Lejeune (2008, p. 73), considerado o pai do “pacto autobiográfico”, já dizia que, no caso da autobiografia, o leitor é livre, ou seja, quem está se apropriando daquele texto, o qual narra a vida de alguém, tem o livre arbítrio

\* Este artigo foi apresentado no VI ENLETRARTE (Encontro Nacional de Professores de Letras e Artes), no IFF *campus* CAMPOS CENTRO, em junho de 2015. Foi desenvolvido durante a disciplina “Escritas do eu ficções de autoria” (PPGCL-UENF), ministrada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Analice Martins.

\*\*Graduada em Letras. Mestranda em Cognição e Linguagem (PPGCL – UENF). E-mail: [marthacarolduarte@hotmail.com](mailto:marthacarolduarte@hotmail.com)

para ler e interpretar tal obra da maneira que lhe convém. O mesmo ocorre nas *escritas do eu* que estão espalhadas no ciberespaço.

Todavia, não nos deteremos a fundo nestas últimas e sim, no texto em livro impresso, especificamente nas obras de Maria Alice Barroso, como outrora foi mencionado. Antes de adentrarmos em “Um nome para matar” e em “A saga do cavalo indomado”, é válido fazer uma retrospectiva e ter um olhar mais malicioso e objetivo em relação ao que seria um texto biográfico. Para esta tarefa, teremos como obra-chave “O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet”, do citado Phillipe Lejeune, a qual se refere a uma reunião de obras do respectivo autor: “L’autobiographie em France”, “Le pacte autobiographique” e o “O pacto autobiográfico, 25 anos depois”.

Em “O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet”, Lejeune analisa o que seria uma autobiografia – a partir de definições de dicionários - e revisa suas considerações acerca do assunto, corrigindo-se, inclusive, ao rever que muitas de suas definições em suas primeiras obras estavam equivocadas.

Em 1971, a idéia de autobiografia e de “pacto” já eram centrais, porém tinham outra função. *L’autobiographie em France* era composta de três partes: definição, história e problemas. Pode-se dizer que tratava-se de um texto mais estrutural, fechado em si e que, por sua vez, considerava autobiografia, a narrativa escrita em prosa, a qual focaliza uma história particular, individual e sempre de alguém importante, com prestígio, uma personalidade. Assim, nesta obra, Lejeune desconsidera como autobiográfica qualquer *escrita de si* que não esteja em prosa e/ou que relate a vida de alguém comum, de alguém que não tenha uma experiência literária, por exemplo. Outro equívoco de Lejeune refere-se à ligação entre a autobiografia e o romance (2008,p.74): “a autobiografia é um caso particular do romance e não algo exterior a ele”.

Vinte e cinco anos depois, como foi dito, Lejeune tenha uma nova visão. Percebe e reconhece seus erros e tenta corrigi-los ao considerar que: “Não, a autobiografia não é um caso particular de romance, nem o inverso, ambos são casos particulares de narrativa (2008, p. 75). O que ele tenta mostrar é que os dois gêneros textuais encaixam-se na tipologia narrativa, uma vez que se preocupam com o desenrolar dos fatos, com a progressão e também com a transformação dos mesmos. No que difere um do outro, Lejeune é bem categórico ao advogar que autobiografia não é ficção; o seu compromisso é com a verdade.

\* Este artigo foi apresentado no VI ENLETRARTE (Encontro Nacional de Professores de Letras e Artes), no IFF *campus* CAMPOS CENTRO, em junho de 2015. Foi desenvolvido durante a disciplina “Escritas do eu ficções de autoria” (PPGCL-UENF), ministrada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Analice Martins.

\*\*Graduada em Letras. Mestranda em Cognição e Linguagem (PPGCL – UENF). E-mail: [marthacarolduarte@hotmail.com](mailto:marthacarolduarte@hotmail.com)

Voltando às suas análises revisórias, Lejeune, agora, diz reconhecer – e até se envergonha pelas suas idéias anteriores - que uma autobiografia também pode ser escrita por alguém comum:

Na época em que estava escrevendo. L' autobiographie em France, menosprezei o talento de meu próprio bisavô, Xavier-Édouard Lejeune, comerciante e autor de uma autobiografia cujo verdadeiro modo de leitura levei 10 anos para descobrir. Como fui idiota de pensar que ele não sabia escrever, quando era eu que não sabia ler! (LEJEUNE, 2008, p.76)

O que é interessante observar nestas obras é que Lejeune evolui e abre caminhos para reflexões mais aprofundadas sobre o tema. Contudo, o contrato do pacto autobiográfico permanece o mesmo. Para ele, “para que haja autobiografia (e, numa perspectiva mais geral, literatura íntima), é preciso que haja relação de identidade entre o autor, o narrador e o personagem” (2008, p.15). A averiguação deste pacto estará resguardada por duas formas: ou implicitamente, através de títulos ou da seção inicial do texto; ou de forma patente, quando o nome do narrador-personagem é o mesmo do autor impresso na capa do livro (2008, p.27).

Lejeune ainda alega que tanto a biografia quanto a autobiografia assumem um *pacto referencial*, visto que ambas fornecem informações a respeito de uma realidade externa ao texto e se submetem, portanto, a uma prova de verificação. É o que Paula Sibilía (2004, p. 42) ratifica ao dizer que, hoje, mais do que nunca, há “uma dependência da veracidade, ou seja, necessidade *de uma ancoragem verificável na vida real*”. Assim, no próximo tópico, tentaremos verificar este apoio no real, no que se refere às obras de Maria Alice Barroso, sobretudo à semelhança entre a cidade fictícia Parada de Deus e o município de Miracema, no estado do Rio de Janeiro.

### **3- Um nome para matar e A saga do cavalo indomado: sob a ótica de uma biografia (ou não?)**

A jornalista e escritora Maria Alice Barroso, natural da cidade de Miracema, no Norte Fluminense do estado do Rio de Janeiro, é a autora das obras *Um nome para matar* e *A saga do cavalo indomado*, as quais compõem o Ciclo Parada de Deus, ao lado de mais três obras. Lançou seu primeiro livro, “Os Possesores”, em 1960. Com *Um nome para matar*, primeiro

\* Este artigo foi apresentado no VI ENLETRARTE (Encontro Nacional de Professores de Letras e Artes), no IFF *campus* CAMPOS CENTRO, em junho de 2015. Foi desenvolvido durante a disciplina “Escritas do eu ficções de autoria” (PPGCL-UENF), ministrada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Analice Martins.

\*\*Graduada em Letras. Mestranda em Cognição e Linguagem (PPGCL – UENF). E-mail: [marthacarolduarte@hotmail.com](mailto:marthacarolduarte@hotmail.com)

livro do ciclo a ser escrito, ganhou o consagrado Prêmio Walmap, em 1967, tendo como júri os escritores Antonio Olinto, Jorge Amado e Guimarães Rosa.

*Um nome para matar* é um livro que serve de base para todas as outras leituras referentes ao Ciclo Parada de Deus, pois conta a história da família Moura Alves, de grande autonomia e poder, descrevendo a fundação da cidade e as relações que envolvem e movimentam o enredo. A história ocorre, aproximadamente, em 1935 e os personagens que tem bastante evidência no livro são Oceano de Moura Alves, prefeito de Parada de Deus e sua esposa Maria Corina. Aliás, Oceano, durante toda a narrativa, acusa sua mulher de adultério, o que deixa a obra com um tom de suspense.

Já *A saga do cavalo indomado* precede cronologicamente os demais livros do ciclo. Conta a história de uma tia-avó de Oceano, a Maria Olegária, a qual era uma jovem de opinião própria, de gênio forte e decidida. Adorava seu cavalo, o Negro, animal que ninguém conseguia domar, a não ser sua dona. O livro mostra toda esta “rebeldia”, ou melhor, atitudes desta jovem que representavam uma visão além do seu tempo, algo revolucionário – até o pai, a jovem enfrentava por não querer ir para o convento; este, por sua vez, apresentava uma aflorada sexualidade, refletida em adultérios, o que fazia com o mesmo (Chico das Lavras) tentasse se penitenciar, de certa forma, obrigando seus filhos a seguir a vida religiosa.

Com *Um nome para matar*, inicia-se o ciclo de Parada de Deus, espaço ficcional, identificado com o norte fluminense, divisa de Minas Gerais. (...) A ação narrada em *A saga do cavalo indomado* precede cronologicamente as outras histórias do ciclo já publicadas. Ela resgata a figura de Francisco de Moura Alves, o Chico das Lavras, ex-tropeiro que por determinação expressa de Cristo-Rei descobre ouro e ocupa as terras onde plantará sua família e as bases da futura cidade de Parada de Deus. (BARROSO, Prefácio de *A saga do cavalo indomado*, 2001, p.10)

Deste modo, partindo destas considerações a respeito das obras que serão investigadas, busca-se encontrar respostas para as indagações feitas no início deste estudo. Seriam tais obras, a partir das semelhanças entre *Parada de Deus* e *Miracema*, uma espécie de biografia do último município? Será que a autora criou *Parada de Deus* baseando-se em *Miracema*, sua cidade natal?

Consideremos, então, as proximidades entre os dois “municípios”: *Miracema* foi elevada à categoria de município em 07 de novembro de 1935, sendo desmembrada de Santo

\* Este artigo foi apresentado no VI ENLETRARTE (Encontro Nacional de Professores de Letras e Artes), no IFF *campus* CAMPOS CENTRO, em junho de 2015. Foi desenvolvido durante a disciplina “Escritas do eu ficções de autoria” (PPGCL-UENF), ministrada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Analice Martins.

\*\*Graduada em Letras. Mestranda em Cognição e Linguagem (PPGCL – UENF). E-mail: [marthacarolduarte@hotmail.com](mailto:marthacarolduarte@hotmail.com)

Antônio de Pádua, município vizinho. Tal momento histórico é relatado, com muita similaridade, em *Um nome para matar*:

E assim também foi no caso da chamada *Separação* (este foi o nome que os filhos de **Parada de Deus** deram à luta travada por eles em prol da emancipação da cidade, tornando-se independente de **Santo Antônio do Pomba**, emancipação esta que só veio a ocorrer no glorioso **7 de novembro de 1932**” (*Um nome para matar*, 2001, p. 228)

Prossigamos as comparações: Miracema sempre contou com uma intensa vida econômica, destacando-se pelas lavouras de café, de arroz, milho e feijão e pela pecuária leiteira. Além disso, na primeira metade do século XIX, foi construída, na cidade, uma capela dedicada ao culto de Santo Antônio - fato muito próximo em:

(...)soubera lutar para defendê-lo das arremetidas de aventureiros ambiciosos assim como soubera formar vastas plantações de milho e cana, inicialmente, depois o gado – e mais tarde de café – ao mesmo tempo construindo a capela em homenagem ao Cristo-Rei” (*Um nome para matar*, 2001, p. 176)

Percebe-se nestes trechos que há, realmente, equivalência entre os fatos criados e relatados por Maria Alice Barroso em *Um nome para matar* e os que, veridicamente, aconteceram ao longo da história de Miracema/RJ. Por outro lado, é importante também notar que os nomes não são os mesmos: Parada de Deus x Miracema, Santo Antônio do Pomba X Santo Antônio de Pádua, Cristo-Rei x Santo Antônio.

No entanto, isto já não ocorre em relação aos nomes dos lugarejos próximos à Parada de Deus, citados nas obras. Tais lugares também são verificáveis na realidade (próximos a Miracema), como é o caso de: Fazenda Cachoeira, Lagoa Preta, Rio Pomba (MG), Várzea da Palma, Degredo, entre outros.

Até este ponto da investigação, observo que minha hipótese pode, em parte, ser questionada, já que para Lejeune (2008), na biografia, não há identidade entre o narrador e o personagem principal – o que neste estudo, não seria a autora Maria Alice Barroso nem algum personagem das obras, pois o foco está nas “cidades em questão” (descartando também a possibilidade de serem obras autobiográficas). Uma vez que não há identidade, no que se refere ao nome, ou seja, Parada de Deus X Miracema, não há biografia também. Algo que deve ser ressaltado é que em *Um nome para matar*, não há apenas um narrador-personagem. O enredo recebe o olhar de diversos personagens. Trata-se de um romance forte, envolvente e que surpreende ao utilizar uma maneira criativa no modo de narrar:

\* Este artigo foi apresentado no VI ENLETRARTE (Encontro Nacional de Professores de Letras e Artes), no IFF *campus* CAMPOS CENTRO, em junho de 2015. Foi desenvolvido durante a disciplina “Escritas do eu ficções de autoria” (PPGCL-UENF), ministrada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Analice Martins.

\*\*Graduada em Letras. Mestranda em Cognição e Linguagem (PPGCL – UENF). E-mail: [marthacarolduarte@hotmail.com](mailto:marthacarolduarte@hotmail.com)

De que maneira narra Maria Alice Barroso em *Um nome para matar*? De vários ângulos, de muitos pontos de vista. O alcance dramático de sua narrativa ganha, com isto, uma expansão maior.(...)No caso de Maria Alice Barroso, usou ela o mas difícil dos sistemas: quatro ângulos, sendo que eles estão sempre em mudança, já que o narrador é geralmente um personagem da história. . (BARROSO, Prefácio de *Um nome para Matar* por Antônio Olinto, 2001, p.5)

Esta categoria narrativa é citada por Ligia Chiappini Moraes Leite (1985) em seu livro *O foco narrativo (ou a polêmica em torno da ilusão)*, ao falar das tipologias de narrador estudadas por Norman Friedman (1967), dentre elas a nomeada *câmera* que possibilita aos personagens a exposição de seus respectivos ângulos a respeito de determinada questão e/ou problemática do enredo.

Ainda no Prefácio de *Um nome para Matar*, Antônio Olinto declara que a mudança de ângulos na obra possibilita também a transformação de posicionamento do leitor, ou seja, o leitor é parte integrante da narrativa, criando uma relação, através da escrita, em que o outro é fundamental. (SIBILIA, 2008)

Continuando o questionamento da hipótese deste trabalho, a pesquisa depara-se com a possível idéia de que as obras seriam “autoficções”. Lejeune elaborou um quadro que mostra os efeitos da combinação do pacto com o emprego do nome próprio (2008, p.58). Esse quadro chegou às mãos de um romancista, chamado Serge Doubrovsky, o qual nomeou uma das casas vazias (casas cegas) do respectivo quadro constituído por Lejeune, de autoficção.

De acordo com Jovita Noronha (2007), na apresentação do livro *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*,

o termo “autoficção” – cunhado pelo escritor e crítico Serge Doubrovsky, nos anos de 1970, para definir seu livro *Fils* – passou a ser usado com outros fins: para certos escritores, a autoficção tornou-se um meio de realizar o desejo de narrar a experiência vivida, sem o ônus da incômoda etiqueta “autobiografia”.

Nas fichas catalográficas de ambas as obras barrosianas, é declarado que se tratam de romances, uma ficção, porém os traços ficcionais que compõem Parada de Deus apontam muita reciprocidade com os traços reais da história da cidade de Miracema/RJ. Eurídice Figueiredo (2010), pesquisadora que se dedica aos estudos referentes à autoficção, diz que tal gênero é uma variante pós-moderna da autobiografia, visto que numa autobiografia não é

\* Este artigo foi apresentado no VI ENLETRARTE (Encontro Nacional de Professores de Letras e Artes), no IFF *campus* CAMPOS CENTRO, em junho de 2015. Foi desenvolvido durante a disciplina “Escritas do eu ficções de autoria” (PPGCL-UENF), ministrada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Analice Martins.

\*\*Graduada em Letras. Mestranda em Cognição e Linguagem (PPGCL – UENF). E-mail: [marthacarolduarte@hotmail.com](mailto:marthacarolduarte@hotmail.com)



possível ter uma verdade literal dos fatos: o sujeito, a partir do momento que é narrado, já passa a ser ficcional através da linguagem.

Além disso, para ela, ao concordar com Doubrovsky, a autoficção não apenas desenvolve os fatos, como na autobiografia, mas também, reformula-os através de artifícios - o que pode ser observado nas obras analisadas, já que a autora utiliza estratégias ficcionalizantes para tentar camuflar vestígios de Miracema na sua cidade fictícia Parada de Deus.

Ao prosseguir a investigação, tenta-se resguardar o trabalho de alguma teoria, depositando as análises nos conceitos defendidos por Lejeune, como o nomeado de romance autobiográfico, termo este constantemente citado pelo escritor, ao estabelecer relações com a autobiografia. Como então já se desfez, de acordo com as considerações acima, a tentativa de ligar as obras barrobianas a uma autobiografia, reformula-se a nomenclatura: seriam, então, *Um nome para matar* e *A saga do cavalo indomado*, romances *biográficos*?

O que mais se destaca nestas obras, além de seus enredos, são os seus prefácios e suas apresentações. Em *A saga do cavalo indomado*, por exemplo, há uma riquíssima declaração de Maria Alice Barroso que contribui muito para este estudo. Phillippe Lejeune, no capítulo *Um diário todo seu*, enumera as funções de um diário, sendo destacada uma delas por Maria Alice: “Escrever pode ser um modo da pessoa confessar-se, é certo...” (*A saga do cavalo indomado*, p.15).

*A ancoragem verificável na vida real*, citada por Sibilía, também pode ser revista em mais um depoimento da autora miracemense:

Há escritores que não saberiam o que fazer de sua ficção caso lhes fosse negado, por algum deus de misericórdia, localizar suas histórias em outro canto geográfico senão aquele em que fixou o melhor de sua alma...Claro que Miracema, minha terra natal, tem muito a ver com tudo isso (*A saga do cavalo indomado*, p.17)

Walter Benjamin, crítico literário e sociólogo, em seu ensaio *O narrador* relatou que “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros” (1987, p.201). Ao erguer uma ponte entre tal afirmação e as obras barrobianas, pode-

\* Este artigo foi apresentado no VI ENLETRARTE (Encontro Nacional de Professores de Letras e Artes), no IFF *campus* CAMPOS CENTRO, em junho de 2015. Foi desenvolvido durante a disciplina “Escritas do eu ficções de autoria” (PPGCL-UENF), ministrada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Analice Martins.

\*\*Graduada em Letras. Mestranda em Cognição e Linguagem (PPGCL – UENF). E-mail: [marthacarolduarte@hotmail.com](mailto:marthacarolduarte@hotmail.com)

se deduzir que, ao certo, Maria Alice Barroso, retirou muito das suas experiências para compor Parada de Deus:

Na verdade, o autor tornou-se um personagem a mais conduzindo a trama praticamente às escâncaras, interrogando personagens, quase a forçá-los num interrogatório que tem alguma coisa do inquérito criminal (...) Minha ambição é verbalizar, documentalmente, esse reconto que ouvi (ouvi?) na beira do fogão, na minha terra (*A saga do cavalo indomado*, p.23)

Benjamin ainda colabora, em seu ensaio *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, ao dizer que toda obra original guarda uma autenticidade, um “manto aurático”. Tal levantamento vai ao encontro do que Nelly Novaes Coelho diz, em Dicionário Crítico das Escritoras Brasileiras, sobre o caráter palimpsesto da obra barrosiana, isto é, guarda nas camadas mais profundas o real de onde surgiu, sendo confirmado por Antônio Olinto:

Maria Alice Barroso reconstrói, com “Um nome para Matar”, um pedaço do Brasil e contribui para o que costumo chamar de povoamento da geografia literária do País. O interior fluminense, na região que vai de Santo Antônio de Pádua a Miracema e se aproxima da fronteira com Minas Gerais é sua região ficcional. (prefácio de *Um nome para matar*, p.7)

Retornando ao último questionamento (se as obras seriam romances biográficos), Lejeune define o termo, da seguinte forma:

Chamo assim todos os textos de ficção em que o leitor pode ter razões de suspeitar, a partir das semelhanças que acredita ver, que haja identidade entre autor e personagem, mas que o autor escolheu negar essa identidade ou, pelo menos, não afirmá-la. (LEJEUNE, 2008, p.25)

Com esta definição, pode-se sugerir que a pesquisa aproximou-se de uma possível classificação para as obras *Um nome para matar* e *A saga do cavalo indomado*, ainda que a realidade, segundo Maria Alice Barroso, não esteja atrelada, necessariamente, as suas obras:

Devo admitir que fazer concessões para mim, entre outras coisas, seria ter que abandonar Parada de Deus, onde encontrei o caminho como escritora: ali tenho o meu chão ficcional povoado por gente da qual eu não gostaria de me afastar por nada deste mundo...Não tenho nenhum compromisso com a realidade: necessito apenas daquela atmosfera que a poeira do galope dos cavalos levantou na estrada. A ambiência é apenas o ponto de partida para o que irá acontecer depois. E o depois será a *nous deux*, personagem e autor. Com o testemunho do leitor, é claro (*A saga do cavalo indomado*, p.23).

\* Este artigo foi apresentado no VI ENLETRARTE (Encontro Nacional de Professores de Letras e Artes), no IFF *campus* CAMPOS CENTRO, em junho de 2015. Foi desenvolvido durante a disciplina “Escritas do eu ficções de autoria” (PPGCL-UENF), ministrada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Analice Martins.

\*\*Graduada em Letras. Mestranda em Cognição e Linguagem (PPGCL – UENF). E-mail: [marthacarolduarte@hotmail.com](mailto:marthacarolduarte@hotmail.com)

Mesmo com tal declaração da escritora, já se sabe que não há identidade entre autor e personagem (em relação aos nomes), todavia, por serem romances (natureza ficcional declarada), e apresentarem outras semelhanças entre o município ficcional e o real, podemos inferir que se trata de um romance biográfico de Miracema.

#### **4- Considerações Finais**

As obras de Maria Alice Barroso revelam a identidade de uma região nomeada como Parada de Deus, sendo capaz de transmitir a totalidade de mundo representado. Parada de Deus é o espaço ficcional de suas obras, as quais se constituem de uma “raspagem” da história, através da ficção, abordando temas comuns à realidade brasileira.

É válido justificar que não foi o objetivo deste trabalho conferir relação de proximidade entre os personagens das respectivas obras e figuras reais da história de Miracema, tampouco relacionar a autora Maria Alice a algum personagem. O estudo partiu de algumas semelhanças entre o chão ficcional Parada de Deus e a cidade de Miracema, em relação a sua emancipação, sua economia e sua história, de forma geral – e sobretudo, de um debruçamento nos prefácios.

Nesta análise, tentou-se chegar a mais próxima conceituação do que seriam tais obras, sob o ângulo de uma temática biográfica: na perspectiva de Lejeune, um romance biográfico. Não é um conceito fechado em si próprio, até porque quem irá conferir esta definição será o leitor, conforme Bakhtin afirma:

O desígnio biográfico conta com a intimidade de um leitor que participe do mesmo mundo da alteridade, esse leitor ocupa a posição do autor(...)É evidente que, na biografia, a diferenciação entre horizonte e ambiente é instável e não tem uma importância decisiva; o ato de empatia terá sua importância máxima. É isso que se pode dizer sobre a biografia”(BAKHTIN, 2000, p.180-181).

Nesta perspectiva, as lacunas que estavam abertas no início deste trabalho podem, de certa forma, estar preenchidas. Porém, diante da riqueza das obras barrosianas, nada impede que futuras investigações almejem novas relações entre este horizonte e ambiente.

#### **5-Referências bibliográficas**

\* Este artigo foi apresentado no VI ENLETRARTE (Encontro Nacional de Professores de Letras e Artes), no IFF *campus* CAMPOS CENTRO, em junho de 2015. Foi desenvolvido durante a disciplina “Escritas do eu ficções de autoria” (PPGCL-UENF), ministrada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Analice Martins.

\*\*Graduada em Letras. Mestranda em Cognição e Linguagem (PPGCL – UENF). E-mail: [marthacarolduarte@hotmail.com](mailto:marthacarolduarte@hotmail.com)

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 3ªed. Tradução Maria Hermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000

BARROSO, Maria Alice. **Um nome para matar**. Rio de Janeiro. Expressão e cultura,2001.

\_\_\_\_\_. **A saga do cavalo indomado**. Rio de Janeiro. Expressão e cultura,2001.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura**. 3.ed. Editora Brasiliense. São Paulo: 1987

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix,2006.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário Crítico das Escritoras Brasileiras**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Autoficção feminina: a mulher nua diante do espelho**. Revista Criação e Crítica, n.4, abril/2010, p.91-102

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo (ou A polêmica em torno da ilusão)**. São Paulo: ática, 1985. Série Princípios. (p. 25-70

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Belo Horizonte: UFMG, 2008

SCHITTINE, Denise. **Blog: comunicação e escrita íntima na internet**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

\* Este artigo foi apresentado no VI ENLETRARTE (Encontro Nacional de Professores de Letras e Artes), no IFF *campus* CAMPOS CENTRO, em junho de 2015. Foi desenvolvido durante a disciplina “Escritas do eu ficções de autoria” (PPGCL-UENF), ministrada pela Profª Drª Analice Martins.

\*\*Graduada em Letras. Mestranda em Cognição e Linguagem (PPGCL – UENF). E-mail: [marthacarolduarte@hotmail.com](mailto:marthacarolduarte@hotmail.com)